

Processo de ensino/aprendizagem em casa de religião: um estudo de caso

Diego Conto Lunelli
Universidade de Caxias do Sul
dclunelli@ucs.br

Resumo: O presente trabalho busca realizar uma breve análise acerca dos processos de ensino e aprendizagem musical entre tamboreiros de nação das casas de religião em Caxias do Sul, utilizando como caso relatado o tamboreiro da casa de Douglas de Ogum. Esta comunicação também trata de questões motivacionais relacionadas à aprendizagem das práticas musicais nestes contextos. Este artigo está dividido em introdução, onde são apresentados os objetivos e motivações para esta pesquisa; metodologia, apresentando as estratégias utilizadas para elaboração deste trabalho e o desenvolvimento das questões levantadas; e uma conclusão. Ao final deste estudo de caso foi percebido a importância da relação afetiva entre os tamboreiros com a manifestação a qual fazem parte, assim como o exemplo para a aprendizagem musical a partir de pessoas mais experientes e engajadas.

Palavras-chave: Tamboreiros. Casas de Religião. Processos de ensino/aprendizagem.

Introdução

Nesta comunicação me proponho a relatar e analisar os resultados de uma parte da pesquisa realizada durante minha graduação em casas de religião afro-brasileiras no município de Caxias do Sul, especialmente no terreiro de Douglas de Ogum, onde tive a oportunidade de entrevistar e conversar com o tamboreiro Mateus.

A relevância de analisar os processos de ensino/aprendizagem musical nas casas de religião pode ser notada pela necessidade de propor diferentes estratégias no contexto do ensino regular nas escolas brasileiras. Dentro do processo de ensino/aprendizagem o professor utiliza diversas estratégias, a hipótese levantada nesta pesquisa trata justamente do caso no qual o indivíduo participa das atividades a partir do exemplo, para que assim aprenda. O modelo da aprendizagem está nos mais experientes, que não necessariamente são professores e principalmente percebidos como iguais.

Os processos de transmissão da tradição nas práticas ritualísticas ocorrem basicamente através da vivência e imitação. Conforme PRASS (2004), “a imitação, muitas vezes ligada à repetição, é um dos recursos principais para o aprendizado”. Existe uma relação direta entre o cérebro e o corpo. Em algumas metodologias de ensino tradicional da música, o aluno permanece sentado praticando a técnica do instrumento. Émile Jaques Dalcroze (apud FONTERRADA, 2005) organizou uma maneira de ensino no qual integra o pensamento e o movimento. Durante as práticas de Dalcroze o aluno passa a movimentar todo o corpo no ritmo da música. Assim, é a partir da experiência, da imitação e da vivência que ocorre o aprendizado.

Um reflexo histórico da dominação europeia sobre as demais culturas pelo mundo pode ser observado pelo grande preconceito que cerca as práticas religiosas afro-brasileiras, especialmente na região de Caxias do Sul, que carrega traços bastante marcantes da cultura ítalo-brasileira. Investigar os processos de ensino e aprendizagem presentes nessas manifestações também podem contribuir para o reconhecimento e interação dessas práticas culturais na sociedade. De igual maneira, poderá possibilitar maior aceitação entre os próprios praticantes das religiões, e destes com a sociedade em geral.

Esta pesquisa se constituiu na modalidade empírica, realizada na forma de pesquisa de campo, tendo em vista o referencial teórico pesquisado busca-se responder satisfatoriamente o problema colocado, utilizando-se dos métodos de observação, registro e descrição detalhada. A elaboração desta proposta baseia-se nos trabalhos de Dalcroze, músico e pedagogo austro-suíço, e Luciana Prass, pesquisadora e musicista brasileira - em sua obra Saberes Musicais em uma Bateria de Escola de Samba: uma etnografia entre os Bambas da Orgia. Assim como em trabalhos à cerca da religiosidade afro-brasileira, que é o foco principal desta pesquisa, cultura e história afro no Rio Grande do Sul e no Brasil, manifestações semelhantes pelo país e também a respeito dos contextos de ensino/aprendizagem formal e informal, com o intuito de elaborar uma confluência nas diferentes formas de ensinar e aprender.

Metodologia

Durante o processo de pesquisa, foram inicialmente utilizados referenciais teóricos sobre as religiões afro-brasileiras e sobre questões relacionadas a aprendizagem em contextos formais e informais. Posteriormente a esta pesquisa bibliográfica foi realizada a pesquisa *in loco* com os participantes da religião afro-rio-grandense tratada neste trabalho. Braga (2005) enfatiza a importância da pesquisa e inserção da cultura popular na escola:

[...] a pesquisa dos processos de ensino e aprendizagem, de performance e de compreensão musical, presentes na realidade escolar e extra-escolar, se faz necessária, considerando o cotidiano não como um objetivo, mas como ponto de partida e incorporando a pesquisa como uma estratégia pedagógica. (BRAGA, 2005, p. 107)

A pesquisa foi aplicada em dois terreiros de umbanda localizados na cidade de Caxias do Sul, contudo para a redação deste trabalho foram utilizadas as informações obtidas junto ao terreiro de Douglas de Ogum. A inserção nesses espaços se deu através de contato com o presidente da Associação de Umbanda de Caxias. Dentro desses ambientes ocorreu a pesquisa, que se utilizou dos métodos de observação *in loco* das práticas musicais, com foco na transmissão e aprendizagem dos cantos e toques praticados nas cerimônias. Houve também um breve levantamento da história da vida religiosa entre os participantes, que teve como objetivo investigar a trajetória do indivíduo dentro da religião, no que se refere à prática da música ritual, dando ênfase aos procedimentos vivenciados e/ou utilizados no ensino/aprendizagem dessas músicas.

Foram utilizados para fins de registro anotações, fotografias e gravações de áudio/vídeo. A partir da análise dos dados observados e do confronto com o referencial teórico pretende-se conhecer e analisar a aprendizagem musical nestes espaços.

Religiosidade Afro-brasileira

A prática religiosa é um acontecimento universal. Em todas as épocas, locais e povoados há manifestações religiosas. Segundo Wilges e Colombo (1974) “[...] religião é o conjunto de crenças, leis e ritos que visam um poder que o homem atualmente, considera Supremo [...]”. Existe uma grande diversidade entre os costumes dos povos, bem como entre os ritos e crenças. Da mesma forma a música sempre esteve presente e desempenhando um papel importante dentro das mais diversas manifestações religiosas por todo o mundo, Candé (2001) aponta que a música está envolvida com a religiosidade desde as ragas indianas até os cantos sagrados dos índios americanos, passando pelo canto da era cristã e indo até a China com suas escalas de meditação.

Panorama geral das diferentes manifestações

O maior traço da religiosidade afro-brasileira é o sincretismo. Santos católicos, entidades indígenas, espíritos africanos e filosofias dos mais diversos lugares do mundo, se cruzam para formar uma cultura nova, uma forma única de expressão. No congado, a coroação do rei do congo, ritual tipicamente africano, mistura-se com as festas de reis da religião cristã. Na folia de reis, onde o assunto é o nascimento de Jesus Cristo, símbolo da fé cristã, mistura-se com o toque de tambores afro.

As religiões afro-brasileiras são monoteístas, pois acreditam em um Deus Supremo, como cita Kerb (1988) os nomes conhecidos para Deus na África são Olodumarê – Iorubá; Mavu – Jeje; e Zambi – Bantos, são fetichistas, porque utilizam imagens às quais atribuem forças extraordinárias; e são pluriculturais, uma vez que mesmo no Batuque Gaúcho ou no Candomblé da Bahia, que demonstram guardar características muito mais africanas que as demais religiosidades praticadas no país, há a fusão de diferentes tribos africanas, além de juntar com elementos da cultura indígena e muitas outras. Kerb ainda pontua que o sincretismo é, então, o traço mais forte e marcante da religiosidade brasileira.

No candomblé, conforme aponta Vagner da Silva (1994, p.69), “historicamente, a associação entre deuses de várias etnias africanas já ocorria antes de serem trazidas para o

Brasil” e ainda, após chegar num país dominado pela religião católica, a fusão com mais esta religiosidade foi inevitável. Dentro das religiões afro-brasileiras podemos encontrar o xangô de Recife, a pajelança de Minas Gerais, o batuque gaúcho e a umbanda, que podem ser tomados como alguns exemplos.

Quando falamos em religiosidade devemos entender que não se trata apenas da manifestação religiosa, mas sim de um contexto sócio cultural onde a música, as crenças, a dança e os ideais religiosos se misturam a rituais profanos no que podemos compreender como performance popular. Nesse sentido temos diversos exemplos no Brasil: o jongo na região sudeste e centro oeste, o cacuriá na região sudeste e nordeste, o maracatu na região nordeste, o bumba meu boi na região norte e nordeste, o reisado, a capoeira e os maçambiques em todo o Brasil, entre outros.

Casas de religião na Serra Gaúcha

Das religiões afro-brasileiras existentes no país, o Batuque e a Umbanda são as mais praticadas no Rio Grande do Sul. Em Caxias do Sul também são predominantes, mas podemos encontrar diversas casas que praticam as duas manifestações religiosas, além da Linha Cruzada¹. Outras poucas casas praticam apenas uma destas manifestações religiosas afro-brasileiras. “O que ocorre, via de regra, é a convivência das práticas da Linha Cruzada, no mesmo espaço onde se realizam cerimônias de Batuque e mesmo de Umbanda” (BRAGA, 1998, p. 32).

Por volta das décadas de 1920 e 1930, os kardecistas de classe média buscaram mesclar os seus conhecimentos e práticas com as tradições africanas, mantendo a ideia da evolução e comunicação espiritual, mesclando as formas populares afro-brasileiras. Assim constituiu-se a Umbanda, uma religião de doutrina não centralizada, fetichista e de ordem monoteísta, contudo cultuando entidades menores.

¹ Segundo BRAGA (ibid) Linha Cruzada é outra denominação usada para designar a Quimbanda.

O Batuque (nome diretamente associado à prática de percussão com tambores de mão, dentro da religião) é o termo mais utilizado para denominar os terreiros ou casas de nação, segundo Kerb (1988) tem características muito parecidas com as do Xangô do Recife e também com o Candomblé da Bahia. Cultua apenas os Orixás e procura manter as rezas ou cantos em sua grande parte no idioma Yoruba. Essa manifestação religiosa afro-brasileira pode ser reconhecida em alguns traços de religiões que existem hoje no interior da Nigéria e Benin.

Dentro das religiões afro-brasileiras existem “lados” ou “nações”, motivo pelo qual no Rio Grande do Sul a manifestação religiosa afro é conhecida como Tambor de Nação. De acordo com Corrêa (2006) predominantemente no Rio Grande do Sul se percebe as nações Jêje, Oyó e Ijexá, com o maior número de casas que são a mistura ou a união de dois lados.

A música ritual nas casas de religião ocorre de forma integrada ao movimento corporal (considerado um veículo poderoso durante as cerimônias) e ao texto. A soma da música, da dança e do texto é o estímulo do transe, que de fato é o comportamento esperado durante as cerimônias. O canto em idioma yoruba com algumas palavras em português é acompanhado por palmas e tambores, instrumentos considerados fundamentais para o andamento das cerimônias religiosas.

Aprendizagem informal

Podemos compreender um processo de aprendizagem informal aquele que é considerado diferente do que acontece em sala de aula do ensino regular, reconhecido pelo sistema de ensino do país. Os processos de transmissão da tradição das práticas ritualísticas ocorrem basicamente através da vivência e imitação, sendo assim considerados atos informais de ensino.

Dentro de diversas teorias neuro-científicas a aprendizagem é explicada como o processo pelo qual o indivíduo cria sinapses, tornando informações ou experiências novas em memória de longo prazo (Rushton; Larkin, 2001), e ainda diz-se que existe uma relação

direta entre o cérebro e o corpo. Assim, como Dalcroze organizou em seus estudos, o ensino deve contemplar uma aprendizagem completa, integrando o pensamento e o movimento, sendo finalmente uma atividade de performance.

Relação da aprendizagem formal com o ensino informal

A educação reconhecida oficialmente ocorre em escolas, com salas de aula e com conteúdo ordenado, entendida assim como aprendizagem formal. Embora a aquisição de conhecimento não ocorra somente nas instituições de ensino, com o passar dos anos foi delegada à educação formal ou as escolas a transmissão regular e disciplinar de conhecimento. Por outro lado, o ensino informal não possui horário ou local específico. Os conhecimentos são partilhados em meio a interações socioculturais e o ensino/aprendizagem ocorre de maneira espontânea e muitas vezes sem que os participantes do processo tenham consciência.

A partir desses ideais, Dalcroze organizou uma maneira de ensino semelhante ao informal, durante as práticas musicais o aluno passa a movimentar todo o corpo no ritmo da música. Assim, é a partir da experiência, da imitação e da vivência que ocorre o aprendizado.

O sistema Dalcroze parte do ser humano e do movimento corporal estático, ou em deslocamento, para chegar à compreensão, fruição, conscientização e expressão musicais. A música não é um objeto externo, mas pertence, ao mesmo tempo, ao fora e ao dentro do corpo. O corpo expressa a música, mas também transforma-se em ouvido, transmutando-se na própria música. No momento em que isso ocorre, música e movimento deixam de ser entidades diversas e separadas, passando a constituir, em sua integração com o homem, uma unidade. (FONTERRADA, 2005, p. 120)

Dessa forma, pode-se notar que as práticas de ensino/aprendizagem musical nas casas de religião e nas práticas de Dalcroze, são baseadas na experiência e vivência. Com base nestas evidências, percebe-se o quanto o ensino formal tem a ganhar ao adaptar modos de ensino das experiências informais. É preciso transformar a sala de aula, para além de um espaço onde se educa. Um contexto educador, onde a aula não é somente um

espaço-tempo para ensinar e aprender, mas uma experiência ou vivência, que tenha real e efetivo significado.

Ainda, segundo Paul Zumthor (2001) os espaços socioculturais populares estão repletos de fenômenos performáticos, que são a base para a transmissão da cultura e dos saberes de um determinado grupo social. A exemplo das casas de religião que mantêm seus fundamentos e costumes a partir da sua prática, com pouco ou nenhum auxílio escrito para a manutenção da memória.

Processo de aprendizagem informal nas casas de religião

Os músicos rituais são de fundamental importância para o andamento das cerimônias religiosas. Na prática da umbanda, a música ritual acontece com o predomínio de cantigas em português, acompanhados por palmas e tambores. A aprendizagem musical entre os tamboreiros são processos de participação e socialização nas cerimônias.

As atividades de ensino/aprendizagem dos tamboreiros começam por iniciações religiosas dentro das casas, onde as crianças não são privadas de nenhum momento dos rituais. Assim, os mais jovens buscam se inteirar de tudo que acontece na casa, então na fase exploratória, geralmente as crianças improvisam instrumentos com latas ou ganham pequenos tambores, confeccionados especialmente para elas. Através das brincadeiras de imitar os adultos, as crianças memorizam os toques e aprendem a cantar e tocar entre si. (BRAGA, 2005, p. 101).

A maior parte dos interessados no aprendizado dos rituais teve, nas suas genealogias, familiares que participavam ou participam das cerimônias. O processo ocorre com a socialização e com a inserção dos aprendizes no universo dos rituais e dos tambores. Antigamente, a relação baseava-se na troca de favores entre aprendizes e mestres através da vivência e imitação. Atualmente, foram incorporados ao processo, a utilização de gravações e manuscritos. Porém, a base do ensino continua sendo a experiência e a imitação, enquanto as leituras e escutas auxiliam e aceleram o processo de memorização do

repertório, contudo ocorrem após a experiência. Ferreira observou entre os terreiros de candombe, no Uruguai, a maneira como se vê o ensino da música

Não é algo que inato ao ser humano mas sim algo que é conformado culturalmente; [...] é o fruto de uma aprendizagem oral equivalente à aquisição de uma linguagem verbal materna: da infância à adolescência nos ensaios de comparsa, na rua, nas saídas de Los Tambores, nas festas em família entre os adultos. (FERREIRA, apud PRASS, 2004)

As vivências dentro dos espaços rituais são muito importantes na iniciação e socialização das crianças no meio tamboreiro para um bom amadurecimento das habilidades, inclusive motoras. A sequência dos ensinamentos se dão através da exposição, do ensaio e do calor do ritual. Aprende-se por imitação, repetição e por exposição direta aos toques, dentro de um ambiente onde a técnica e os conceitos gerativos da performance musical foram aprendidos porém, não ensinados.

CONCLUSÃO

A religiosidade afro-rio-grandense é uma manifestação popular que se identifica pela multiplicidade de características, pelo sincretismo entre diferentes fontes antropológicas e por fazer parte de uma cultura viva que é transmitida por séculos através da tradição oral. Mesmo sendo plural, por estar situada no extremo sul do Brasil, possui particularidades que a fazem única. Percebe-se que o Batuque e a Umbanda não são apenas religiões, mas são espaços socioculturais de acolhimento das angústias e das necessidades da população, que busca nessas religiões o amparo para os inúmeros problemas sociais que enfrentamos atualmente.

Assim, as práticas musicais inseridas nessas duas manifestações religiosas afro-rio-grandenses são base de sustentação para os diferentes rituais, sem que haja uma importância maior para uma ou para outra. A música é instrumento, ao mesmo tempo, é parte do ritual e ainda uma manifestação isolada, que pode acontecer sem uma relação direta com o ritual mencionado, mas os rituais não podem acontecer sem a música.

No que trata a educação musical, e a educação de um modo geral, as manifestações populares – neste caso as religiões afro-rio-grandenses – são espaços especialmente propícios para o desenvolvimento de ensino/aprendizagem das mais diversas naturezas. A música é “ensinada” a partir de um modelo, um exemplo de mesmo valor social naquele contexto, mas com uma posição e um conhecimento diferenciados, fazendo do tamboreiro (Ogan Alabê²) não uma figura superior, mas um modelo positivo a ser seguido.

Finalmente os contextos socio-afetivos nos quais acontecem os rituais, são espaços privilegiados de construção e manutenção de saberes, principalmente no que diz respeito a música. Com base nas informações apresentadas neste texto, percebe-se o quanto o ensino formal pode ganhar ao adaptar modos de ensino das experiências não-formais. É válido transformar a sala de aula para além de um espaço onde se educa, visando privilegiar as vivências que tenham real e efetivo significado para todos envolvidos, assim como acontece nos contextos informais e populares de ensino/aprendizagem.

² Nome dado ao tamboreiro principal que toca nas casas de religião (Informação oral – MATEUS, 2014)

Referências

BRAGA, Reginaldo Gil. **Batuque Jêje-ljexá em Porto Alegre**. Porto Alegre, FUMPROARTE, Secretaria Municipal de Porto Alegre, 1998.

BRAGA, Reginaldo Gil. **Processos sociais de ensino e aprendizagem, performance e reflexão musical entre tamboreiros de nação: possíveis contribuições à escola formal**. In: Revista da Abem, n 12, março 2005. Porto Alegre: Associação Brasileira de Educação Musical, 2005. p. 99 – 109.

CANDÉ, Roland de. **História universal da música**. 2ed. São Paulo: M. Fontes, 2001 1v.

CORRÊA, Norton F. **O batuque do Rio Grande do Sul: antropologia de uma religião afro-riograndense**. 2ed. São Luiz: Cultura e Arte, 2006. 295p.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação**. São Paulo: ed. Unesp, 2005.

PRASS, Luciana. **Saberes Musicais em uma Bateria de Escola de Samba: uma etnografia entre os Bambas da Orgia**. Porto Alegre: ed. UFRGS, 2004.

RUSHTON, S., LARKIN, E. **Shaping the learning environment: connecting developmentally appropriate practices to brain research**. Early Childhood Education Journal, September 2001, Volume 29, Issue 1, pp 25-33.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira**. São Paulo: Ática, 1994. 149p.

WILGES, Irineu; COLOMBO, Olírio Plínio. **Cultura Religiosa**. Porto Alegre: EST, 1974. 185p.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000, 137 p.